

PERSPECTIVA DO ARROZ DE TERRAS ALTAS NA REGIÃO CENTRO-OESTE, CONSIDERANDO ALGUNS ASPECTOS DA CADEIA PRODUTIVA

Carlos Magri Ferreira¹ e Lidia Pacheco Yokoyama²

A cultura do arroz teve um papel importante na economia da Região Centro-Oeste, principalmente no processo de abertura dos cerrados. Atualmente, devido a vários fatores, a área cultivada com este cereal decresceu e a comercialização do produto produzido neste ambiente encontra restrições. Para saber as reais perspectiva do arroz resolveu-se estudar a cadeia produtiva, por entender que a agricultura é um setor da economia que está se adaptando aos novos paradigmas do mercado, pautado em produtividade, competitividade e qualidade. Estas transformações estão ocorrendo de forma rápida e intensa, alterando os antigos conceitos de como produzir conhecimento científico, exigindo também maior integração dos segmentos das cadeias agroalimentares, que no caso do arroz é constituída pelos segmentos de fornecimento de insumos, produção, processamento, distribuição, e consumo final, além dos ambientes institucional e organizacional (Sousa, 1997).

Para realização deste trabalho fez-se uma adaptação da metodologia proposta por Castro et al. (1995). Inicialmente procedeu-se a uma revisão bibliográfica. A seguir, questionaram-se pessoas que já realizaram trabalhos desta natureza, em diferentes instituições. Elaborou-se um esboço da cadeia produtiva do arroz e, através de consultas à diversos segmentos, o protótipo foi sendo aprimorado, tornando-se um modelo próximo do real e identificaram-se os componentes da cadeia. A partir daí, planejaram-se estratégias diferenciadas com o objetivo de atingir todos os segmentos da cadeia. Utilizaram-se vários meios de comunicação, como fax, cartas, questionários e visitas. Algumas instituições de pesquisa da Região Centro-Oeste foram visitadas, com o intuito de expor e discutir o projeto e coletar informações preliminares.

Contataram-se indústrias de defensivos, máquinas agrícolas, fertilizantes e sementes. No primeiro momento, deu-se maior atenção à parte de sementes, procurando inteirar-se sobre a legislação, cujo órgão normatizador e fiscalizador é o Ministério da Agricultura, às associações de produtores de sementes dos Estados e produtores rurais. Consideraram-se, ainda, dados das Empresas de Extensão Rural, Secretarias de Agricultura dos Estados e do Sindicato das Indústrias de Arroz do Estado de Goiás e da Companhia Nacional de Abastecimento - Conab. Fez-se, também, ampla consulta nas agências de crédito, principalmente o Banco do Brasil, que é o principal financiador do custeio agrícola.

Visando obter informações da situação da cultura de arroz de terras altas no Estado de Mato Grosso, segundo maior produtor do Brasil, realizou-se levantamento junto aos produtores, em dezembro de 1995, em três regiões: Cáceres, Rondonópolis e

¹Técnico Especializado, B.Sc., Embrapa Arroz e Feijão, Caixa Postal 179, 74001-970 Goiânia, GO.

²Pesquisador, M.Sc., Embrapa Arroz e Feijão.

Lucas de Rio Verde. Foram entrevistados 38 produtores de 14 municípios: Cáceres, São José dos Quatro Marcos, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda, Comodoro, Rondonópolis, Primavera do Leste, Dom Aquino, Jaciara, Lucas do Rio Verde, Nova Mutum, Sorriso, Sinop e Colider (Ferreira et al., 1996). Estes municípios foram escolhidos por serem, ou já terem sido, expressivos na produção do arroz de terras altas. Para a obtenção dessas informações, aplicou-se um questionário aos produtores de arroz. Apesar de utilizar formulário com itens predeterminados (entrevistas semi-estruturadas), os entrevistados tiveram inteira liberdade de expressão. A este trabalho deu-se o nome de "Diagnóstico da Cultura do Arroz".

Dentre os entrevistados estavam produtores de subsistência e produtores que cultivam estritamente para fins comerciais. Os produtores foram indicados por técnicos da extensão rural, não sendo, portanto, uma amostra determinada por parâmetros estatísticos.

A partir da década de 80, na Região Centro-Oeste, a cultura passou a enfrentar uma série de problemas como: preço, preferência pelo grão agulhinha, custos e outros. Aliado a estes problemas, e com a maior utilização dos cerrados, que exigem mais insumos e máquinas, o arroz de terras altas passou a ser explorado por médios e grandes produtores. Conseqüentemente, os pequenos estabelecimentos rurais sofreram os impactos dessa mudança de estrutura das áreas cultivadas, e os posseiros foram "empurrados" para a fronteira agrícola, sendo substituídos por arrendatários ou meeiros, mais dispostos a cultivar outras lavouras anuais como, feijão, milho e soja.

Com isso, a área plantada com arroz apresentou certa flutuação com ligeira tendência a diminuição, sendo, a rizicultura substituída por outras culturas, principalmente mais dinâmicas e versáteis, tanto para consumo humano como animal, articuladas com agroindústrias processadoras modernas, voltadas para as exportações e para as novas tendências de consumo do mercado interno, como é o caso da lavoura da soja (Igreja et al., 1995). Já com relação à produtividade há uma ligeira tendência de crescimento. A participação do arroz em relação a produção de grãos na Região Centro-Oeste, considerando feijão, soja, milho e outros passou de 17,81% na safra 85/86 para 7,38% na safra 94/95. Considerando o mesmo período, na produção de grãos no Brasil o arroz teve sua participação reduzida de 4,26% para 1,69%.

A cultura do arroz continua sendo importante na produção total da Região Centro-Oeste, mas, devido aos problemas citados, sofreu redução de área e produção, pois, na safra 85/86 participava com uma área equivalente a 35,5% do total e respondia por 24,1% da produção nacional. Na safra 94/95 estes percentuais diminuiram para 17,2% e 12,0%, respectivamente.

Atualmente, as perspectivas da cultura do arroz são o cultivo em sucessão com a soja, o cultivo sob irrigação por aspersão, principalmente pelo sistema pivô central e na renovação das pastagens, fazendo parte de sistemas produtivos, principalmente em unidades produtivas mais estruturadas e com áreas maiores.

Sobre categoria de produtores não existem dados atualizados, porém, em 1991, segundo Yokoyama & Igreja (1993) dos 46.699 produtores de arroz existentes nos Estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, cerca de

60 % possuíam áreas menores do que dez hectares e apenas 2% áreas superiores a 500 hectares. Segundo a FAO (1996), na Região Centro-Oeste os estabelecimentos familiares são responsáveis por 17 % da quantidade de arroz produzido e 26,3% do valor da produção da região.

Projeções econômicas apontam dificuldades crescentes para a categoria dos pequenos agricultores sobreviverem num mercado de grande competitividade. Isto porque, se explorarem culturas como o arroz, que necessita exploração em maior escala, por ser um produto de baixo valor, quando negociado em pequenas quantidades, não apresentará ganhos satisfatórios. Para o sistema de cultivo de arroz de terras altas são apresentados dois custos de produção (tradicional e melhorado). No sistema tradicional, utiliza-se um baixo nível tecnológico, como exemplo, o grão como semente. Já no sistema melhorado utiliza-se um maior nível de tecnologia existente cultivo do arroz. No sistema tradicional, a relação benefício/custo (baseado no preço do arroz praticado na praça de Goiânia em maio/97), foi de 1,04 (4% de lucro), com uma produtividade média de 25 sc. 60kg/ha). O custo de produção do sistema melhorado, com um nível de tecnologia mais elevado, semente de boa qualidade e maior quantidade de adubo, tem conseguido uma produtividade média de 45 sc. 60kg/ha, e alcançado uma relação benefício/custo de 1,32 (32% de lucro). Observa-se, portanto, que é inviável produzir sem tecnologia. Com o uso de tecnologia o custo de produção é maior, mas, a relação benefício/custo é bem mais compensadora.

Esse quadro sinaliza, aos produtores de subsistência, a necessidade da verticalização da propriedade, agregando valores. Deverão procurar alternativas capazes de melhor remunerar a mão-de-obra familiar e complementar o ganho com produtos de maior valor comercial.

No estudo da cadeia produtiva do arroz na Região Centro-Oeste, observa-se que, na fase de produção de insumos que antecede a produção de matéria-prima, é necessário que a rede de revenda de insumos tenha uma maior especialização para melhor atender seus clientes.

Na fase de produção de matéria-prima, observa-se os mais variados sistemas de produção de arroz. Com este procedimento o arroz produzido possui várias classificações, o que dificulta o ajuste de preços e a comercialização. Até então, o arroz de terras altas não competia em qualidade, com o arroz de várzeas, que possui melhor tipo comercial. Porém, atualmente, a pesquisa vem desenvolvendo variedades de terras altas do tipo agulhinha, que competem perfeitamente com o arroz produzido no Rio Grande do Sul.

Já na terceira fase da cadeia produtiva, onde está incluso o comércio atacadista, constatou-se que o produtor de arroz já não depara mais com a figura do atravessador, e que o governo já não é o maior comprador, ou seja, os atacadistas compram o produto diretamente dos produtores, e com este sistema os produtores têm chance de vender o produto por melhores preços.

Destarte, ao analisar a cadeia produtiva, fica fácil explicar e entender porque o arroz de terras altas continua perdendo espaço, apesar de todo esforço e avanço obtidos pela pesquisa. Está faltando integração do ambiente institucional e ajustes no ambiente organizacional para incorporar estes avanços aos sistemas produtivos. Deve-se buscar uma maior integração entre pesquisa, extensão rural e agentes financiadores, fazendo com que as tecnologias e as informações geradas pela pesquisa sejam, efetivamente, utilizadas pelos produtores.

Referências Bibliográficas

- CASTRO, A.M.G. de; COBRE, R.V.C.; GOEDERT, W.J. **Prospecção de demandas tecnológicas: manual metodológico para o SNPA**. Brasília: EMBRAPA-DPDI, 1994. 82p.
- FAO (Roma, Itália). **Perfil da agricultura familiar no Brasil: Dossiê estatístico**. Brasília: FAO/INCRA, 1996, 24p. (FAO. Projeto UFT/BRA/036/BRA).
- FERREIRA, C.M.; MOURA NETO, F.P.; RABELO, R.R. **Relatório do levantamento sobre a cultura do arroz de terras altas em três regiões do Estado de Mato Grosso**. Goiânia, 1996. 11p. (não publicado).
- IGREJA, A.C.M.; YOKOYAMA, L.P.; ROCHA, M.B.; ALMEIDA, J. de. Cultura do arroz nos Estados de Goiás e Tocantins: Aspectos sócioeconômicos e tecnológicos nos sistemas de cultivo. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v.42, n.2, p.65-93, 1995.
- SOUSA, I.S.F. de. Estudo das cadeias agroalimentares no Brasil. **Caderno de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v.14, n.1, p.179-196, 1997.
- YOKOYAMA, L.P.; IGREJA, A.C.M. **Diagnóstico do perfil do produtor de arroz da Região Centro-Oeste**. Goiânia: EMBRAPA-CNPAF, 1993. (Relatório de pesquisa).